

SCIENTIA ANTIQUITATIS



SALVAGUARDA ARQUEOLÓGICA
ARCHAEOLOGICAL SAFEGUARD

Título: SCIENTIA ANTIQUITATIS

Editores: Leonor Rocha/ Gertrudes Branco/ Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: Junho de 2019

Volume: 1/ 2019

Capa: Trabalhos de salvaguarda no Palácio do Vimioso

(Foto: Leonor Rocha)

Director: Leonor Rocha

ISSN: 2184-1160

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ Irocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

INDÍCE

O IV.º CIAT e o estado da Salvaguarda Arqueológica em Portugal Leonor Rocha e Gertrudes Branco	5
Arqueologia Pública e a gestão do património arqueológico no contexto da construção de uma barragem: O caso da construção da barragem de Belo Monte (Brasil) Maria Clara Costa	25
Melhor conhecer é melhor proteger. Os contributos do projeto ARQUEOSIA Filipa Neto e Catarina Costeira	57
Estratégias para a gestão da salvaguarda arqueológica: as cartas de risco do património arqueológico dos Açores José Luís Neto, Carlos Luís Cruz e Pedro Parreira	77
O Risco das Políticas de Risco em Património Cultural - Proposta STORM para uma nova abordagem Filipa Neto, Sofia Pereira, Isabel Inácio, João Almeida Filipe	95
Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal) Leonor Rocha, Jorge de Oliveira, André Carneiro e Carmen Balesteros	113
Ecclesia Sanctae Marinae de Cortegaza (Cortegaça, Ovar). Um contributo na Arqueologia de Salvaguarda Gabriel Pereira, Gustavo Santos e Mauro Correia	153
E quando as fábricas fecham? Reflexões sobre a salvaguarda do património arqueológico-industrial na cidade de Portalegre Susana Pacheco	183
A geofísica e salvaguarda do património arqueológico em meio rural. Vantagens e quando utilizar: o caso dos recintos de fossos António Valera e Tiago do Pereiro	203
A salvaguarda arqueológica: teoria e prática na Região Centro Gertrudes Branco	217
Salvaguarda arqueológica em Monforte: Percurso e estratégias de intervenção (Monforte, Portalegre, Portugal) Paula Morgado	251

Oliveira de Azeméis: Gestão de uma Carta de Salvaguardas Patrimoniais e de um projeto de investigação sobre a ocupação do território (POVOAZ Adrian de Maan e João Tiago Tavares	295
A gestão de espólios arqueológicos no Algarve. Reflexão sobre o seu propósito na actividade arqueológica de salvaguarda Grupo de Arqueologia da Rede de Museus do Algarve	321
A Antropologia Biológica nos Açores: gestão e estudo das suas coleções osteológicas José Luís Neto, Joana Camacho e Pedro Parreira	331
Mosteiro de São Bento de Avis: da intervenção preventiva ao programa de estudo e valorização de fracção monástica Ana Cristina Ribeiro	355
Acompanhamento: o <i>Cadavre Exquis</i> da prática arqueológica (portuguesa) Gabriel Pereira, Mauro Correia e Gustavo Santos	385
Resultados preliminares do acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas Ana Cristina Ribeiro	415
Minimizando impactos. Tavira Verde 2012/2014 Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco	447
Estratégias de recuperação e salvaguarda do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu, Portugal) após os incêndios florestais de outubro de 2017 Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho, Catarina Tente, Daniel de Melo Branco, Luís André Pereira, Pedro Sobral de Carvalho e Tiago Ramos	461
Balanço dos Incêndios de 2017: Região de Lisboa e Vale do Tejo Filipa Bragança, Gertrudes Zambujo e Sandra Lourenço	477

GESTÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO: O CASO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (PORTUGAL)

Leonor ROCHA¹
Jorge de OLIVEIRA²
André CARNEIRO³
Carmen BALESTEROS (†)

Resumo

Interessou-nos, para o presente estudo, as questões inerentes à arquitetura dos edifícios que hoje pertencem à Universidade de Évora, e que desde 1979 tiveram várias obras de requalificação com o intuito de melhorar instalações, acessibilidades, colocar e/ou remodelar infraestruturas ou outro tipo de apoios. De salientar que a maioria das obras ocorridas nestes espaço[s] até aos finais do séc. XX, apesar de terem envolvido modelações do terreno (como no Jardim de Granito), encerramento de noras/poços, abertura de valas para passagem de tubagens e cabos, não tiveram qualquer acompanhamento arqueológico. Pretende-se assim, por um lado recuperar memórias perdidas e, por outro, dar conhecimento dos resultados obtidos com os acompanhamentos arqueológicos realizados nos últimos anos, em edifícios da Universidade de Évora.

Palavras-chave: Salvaguarda Arqueológica, Património, Universidade de Évora, Portugal

Abstract

We are interested, for the present study, the issues inherent to the architecture of these spaces that today belong to the University of Évora, and that since 1979 have had several works of requalification with the intention of improving spaces, accessibility, to place and / or

¹ lrocha@uevora.pt; UÉ/ECS. CEAACP/FCT/UALG (UID/ARQ/0281/2019). (CHAIA/UÉ [2019] – Ref.ª UID/EAT/00112/2013- FCT)

² joli@uevora.pt; UÉ/ECS. (CHAIA/UÉ [2019] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013- FCT)

³ ampc@uevora.pt; UÉ/ECS. (CHAIA/UÉ [2019] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013- FCT). CECH/FLUC

remodel infrastructures or other type of supports. It should be noted that most of the works that took place in this space until the end of the 19th century. XX, in spite of the fact that they involved land modulations (such as in the Granite Garden), the closing of wells, the opening of ditches for the passage of pipes and cables, did not have any archaeological accompaniment. We aim, on the one hand, to recover lost memories and, on the other hand, to give knowledge of the results obtained with the archaeological accompaniments realized in recent years, in buildings of the Évora University.

Keywords: Archaeological Safeguard, Patrimony, Évora University, Portugal.



Claustro grande do Colégio do Espírito Santo (©Leonor Rocha)

1. Introdução

A criação de uma Universidade, em Évora, remonta ao ano de 1550, altura em que se inicia a construção de um colégio (atual Espírito Santo) a partir do Pátio da Botica, composto por salas, oficinas, capela e claustro, no piso térreo e celas, no piso superior (Conde et al, 2012; Lobo, 2009, 2012). Esta obra começa desde logo a sofrer ampliações para albergar mais celas (1553), construção de uma nova igreja (atual Sala de Atos, 1556), construção do claustro grande rodeado por galerias em arco com colunas de mármore (1561), construção do Noviciado (1564), construção de uma terceira igreja, de grandes dimensões (atual Igreja do Espírito Santo), a partir de 1566, a qual implicou a demolição de outras edificações existentes (casas e uma ermida) e também a construção de um novo bloco com orientação N-NE, em que uma das paredes assenta sobre a muralha medieval.

Até ao ano de 1724 continuam a registar-se remodelações de interiores (construção de corredores, abóbadas, decoração com azulejos) e de exteriores (construção de fontes, jardins, hortas, entre outras) em todo o espaço que abrange o atual edifício do Colégio do Espírito Santo (Idem, Ibidem).

Após a sua extinção, em 1759, e durante cerca de dois séculos, o edifício do CES acabou por ter diferentes funcionalidades, o que se foi traduzindo em novos trabalhos de remodelação e/ou ampliação. Na primeira metade do séc. XX, este espaço passa por diversas obras com vista à sua adaptação ao ensino Liceal (Liceu Nacional de Évora, Casa Pia) que se traduziram em adaptações, ampliações, construção de ginásios e campos de jogos (Moniz, 2012)

Em 1964, inicia-se o retorno deste espaço a funções ligadas ao ensino superior, com a criação de uma instituição particular, o Instituto Superior Económico e Social de Évora. Em 1973, o Governo português considera essencial criar *“um plano de expansão e diversificação do ensino superior (.../...) para corresponder à necessidade de assegurar*

o desenvolvimento social e económico do País, que exige um número cada vez mais elevado de cientistas, técnicos e administradores de formação superior” (Decreto lei nº 402/ 73, de 11 de Agosto, Preâmbulo).

A criação do Instituto Universitário de Évora e da Universidade de Évora (Decreto-Lei nº 482/79, de 14 de Dezembro) acabam por afetar definitivamente estes espaços ao ensino superior, nos anos 70 do séc. XX.

É também nesta década que outros edifícios são adquiridos para instalação dos diversos cursos que vão sendo criados, como o Palácio dos Condes de Vimioso. Trata-se de um edifício do séc. XV que foi passando por diversas reformas e remodelações, sendo as últimas grandes alterações realizadas na década de oitenta do século XX, quando se necessitou de adaptar este espaço a salas de aulas e gabinetes de serviços.

Interessa-nos assim, para o presente estudo, as questões inerentes à arquitetura destes espaços que hoje pertencem à Universidade de Évora, nomeadamente o do Colégio do Espírito Santo, o Palácio do Vimioso e a Casa Cordovil, que desde 1979 tiveram várias obras de requalificação com o intuito de melhorar instalações, acessibilidades, colocar e/ou remodelar infraestruturas ou outro tipo de apoios. De salientar que a maioria das obras ocorridas até aos finais do séc. XX, apesar de terem envolvido modelações do terreno (como o Jardim de Granito), encerramento de noras/poços, abertura de valas para passagem de tubagens e cabos, não tiveram qualquer acompanhamento arqueológico, por não ser ainda uma obrigação legal. A partir de 1986, com a classificação da cidade de Évora a Património da Humanidade e com a criação do Instituto Português de Arqueologia, em 1997, entra-se definitivamente numa nova fase no que diz respeito à salvaguarda do Património.



Figura 1. Localização dos espaços referidos neste documento, na CMP 460. 1- Colégio Espírito Santo; 2- Palácio do Vimioso; 3- Casa Cordovil

2. Edifício do Colégio do Espírito Santo (CES)

Nos últimos anos, realizaram-se algumas obras de requalificação dos espaços do Edifício do Colégio do Espírito Santo (ver Fig.1), doravante designado apenas na sua sigla (CES), com o intuito de melhorar acessibilidades, infraestruturas ou outro tipo de apoios, alguns dos quais tiveram acompanhamento arqueológico e/ou escavações.

2.1. Poço Cisterna no Campo de Jogos, no CES

Apesar de não existir informação no Portal do Arqueólogo e de não dispormos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de

Arqueologia Pinho Monteiro, temos conhecimento que entre 1983/1984 ocorreram diversas obras nesta área, então utilizada como campo de jogos, com modelações do terreno (Fig. 2) e entulhamento de um poço-cisterna com alcatruzes em cerâmica que foram, em parte, recolhidos, encontrando-se alguns em exposição no Centro Interativo de Arqueologia, sito no Palácio do Vimioso. Atualmente denomina-se como Jardim de Granito.



Figura 2. Vista atual do denominado Jardim do Granito (1) e de alcatruzes recolhidos (2) (©Leonor Rocha).

2.2. Intervenção Arqueológica de Emergência no Colégio Espírito Santo (CNS 16151. Processo: S – 16151)

De acordo com a informação existente no Portal do Arqueólogo e sobre a qual não dispomos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, Olívio Caeiro realizou nos anos de 1984/85 uma intervenção em frente à porta lateral de acesso ao CES, devido ao abatimento de um esgoto. Desta intervenção terão resultado essencialmente materiais dos séculos XVII/ XVIII, composto por faianças e azulejos figurativos de reduzida dimensão. A área foi tapada depois do arranjo da conduta de esgoto. Este local voltou a ser posteriormente intervencionado em 1993 e 2000, pelos mesmos motivos. Os últimos trabalhos realizados tiveram uma escavação em área que permitiu obter novos dados sobre a sua ocupação (ver pontos 2.3 e 2.5).

2.3. Piso da varanda fronteiro a uma das entradas do CES (CNS 16151. Processo: S – 16151)

De acordo com a informação existente no Portal do Arqueólogo e sobre a qual apenas dispomos de uma cópia do Relatório, em mau estado, no Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, Olívio Caeiro realizou, em 1993, uma escavação de emergência, na sequência do abatimento do piso da varanda fronteiro a uma das entradas da universidade devido a problemas com um esgoto. Desta vez foi realizado um acompanhamento arqueológico com a abertura de dois sectores A e B. *“O primeiro, encontrava-se repleto de entulho grosseiro (terra, material de construção e tijolo), surgindo ainda uma quantidade diminuta de algum espólio arqueológico datável do século XVIII (fragmentos de cerâmica comum e de azulejaria). Depois de retirado o entulho surgiu uma fornalha adossada ao muro oeste e à cloaca medieval. Seguiram-se depois mais dois momentos construtivos do espaço ocupado pela capela, de cuja funcionalidade não se sabe nada. No sector B, junto á parede do edifício surgiram os dados científicos mais interessantes, sujeitos a confirmação - na parede da 1ª fase de construção do Colégio (que reaproveitou a muralha fernandina) corre uma caleira, a um nível superior a cloaca medieval”* (Caeiro, 1993: 5). A área foi mais uma vez tapada depois do arranjo da conduta de esgoto. Este local voltou a ser intervencionado, pelos mesmos motivos, no início do séc. XXI mas, desta vez, com uma escavação em área que permitiu obter novos dados sobre a ocupação desta área (ver ponto 2.5).

2.4. Acompanhamento da abertura de caixa para colocação de ar condicionado no Parque de Estacionamento do CES.



Figura 3. Infraestruturas de climatização do CES (©Leonor Rocha).

Apesar de não existir informação no Portal do Arqueólogo e de não dispormos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, temos conhecimento que entre 1998/99, Carmen Balesteros procedeu ao acompanhamento arqueológico da abertura de caixa (Fig.3) para colocação de ar condicionado, na face Norte do auditório do CES (atual Parque de Estacionamento). Esta intervenção não terá identificado quaisquer níveis arqueológicos preservados.

2.5. Capela de N^a Sr^a da Modéstia (?)/ Presépio(?). (CNS 16151. Processo: S – 16151).

Sobre este local, que também se encontra inserido no Portal do Arqueólogo com o mesmo CNS e número de processo e sob a designação de "Acompanhamento arqueológico de remoção de terras escavadas em 1993", dispomos de ampla documentação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, legado deixado por uma das signatárias deste trabalho (CB†). (Balesteros e Sarantopoulos, 2000).

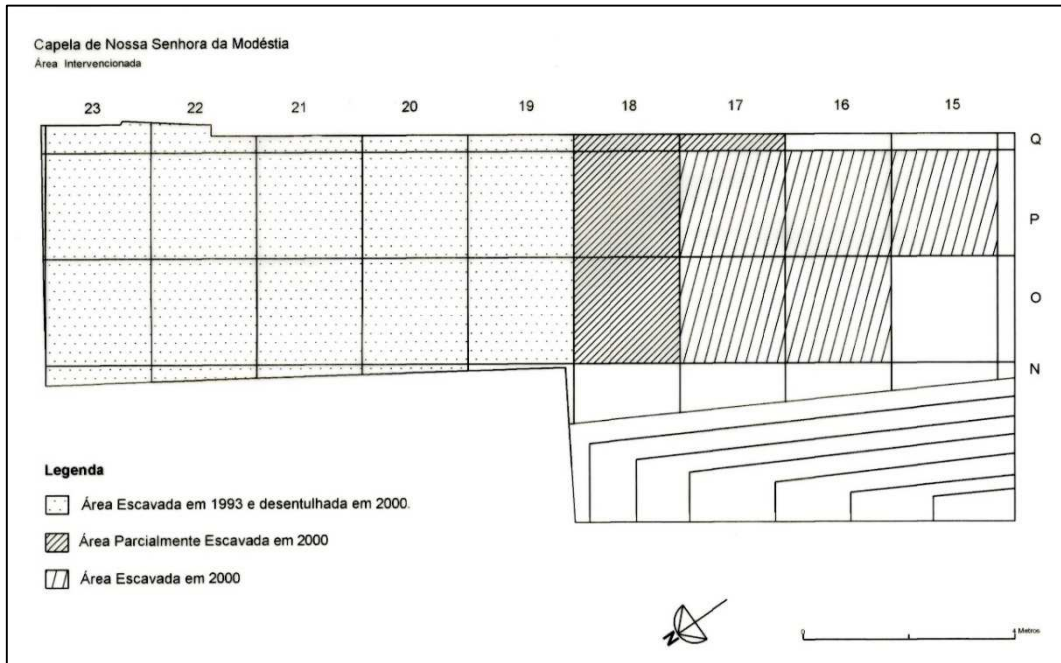


Figura 4. Planta das com indicação das áreas intervencionadas em 1993 e 2000 (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)

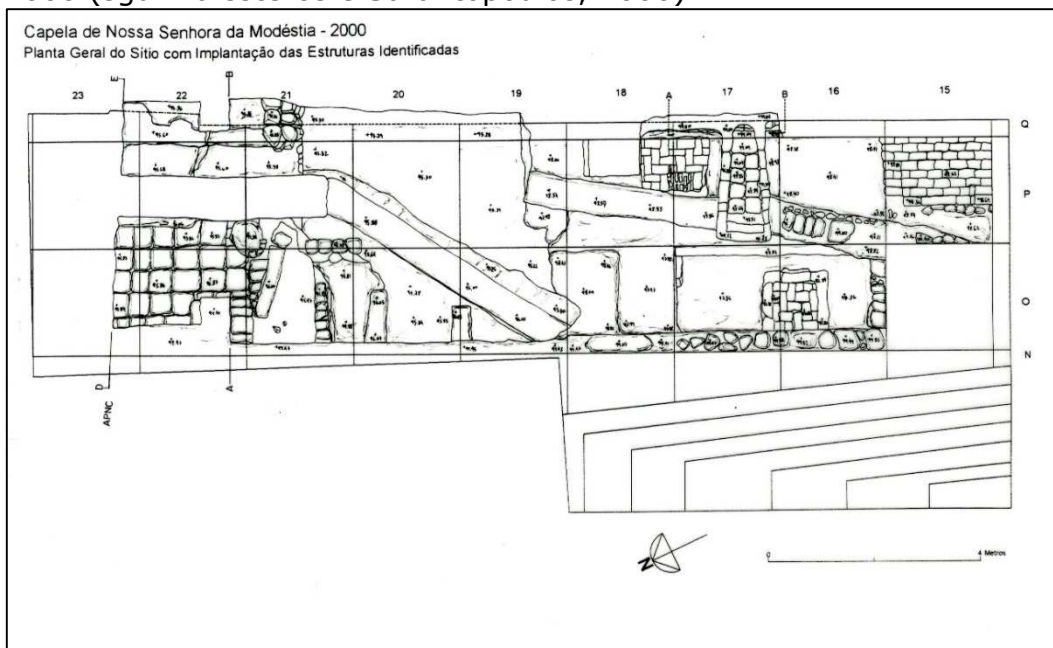


Figura 5. Planta geral da área intervencionada com as estruturas identificadas (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000).

A intervenção realizada no ano 2000 incidiu na entrada poente do edifício do CES e resultou também da rotura de canos de esgoto (à semelhança do que ocorreu em 1983/1984 e 1993) mas, desta vez, a Reitoria da Universidade de Évora optou por realizar uma intervenção de maior envergadura, com o intuito de avaliar o potencial da área e,

eventualmente, proceder à musealização das estruturas da Capela que se haviam anteriormente identificado (Fig.4 e 5).

A capela de N^a Sr^a da Modéstia, de pequenas dimensões, era a mais antiga das duas capelas do noviciado jesuíta existentes no Colégio do Espírito Santo. A sua construção ter-se-á iniciado em finais do séc. XVII com abertura ao culto a 2 de fevereiro de 1700, por ser o dia litúrgico da Apresentação e Purificação de Jesus no templo, segundo António Gromicho “...o dedicou em 2 de Fevereiro a Nossa Senhora da Modéstia o Pe. Provincial Miguel Dias, dizendo Missa, dando comunhão aos Noviços, e fazendo conferência espiritual de que foi matéria porque aquela capelinha se havia de consagrar a Nossa Senhora da Modéstia, em dia de Purificação” (Gromicho, 1944, p. 5).

A intervenção de 2000 foi dividida em duas partes, uma que correspondia à área escavada em 1993 (onde se procedeu à remoção das terras para visualização das estruturas então identificadas) e a segunda, ao alargamento para Sul, num total de cerca de 36m² (Fig.4).

Desta intervenção acabaram por resultar mais dúvidas do que certezas. De facto, a não continuação dos trabalhos no local, com o alargamento da área como propunham os responsáveis da intervenção de 2000, acabou por não permitir esclarecer se se trataria efetivamente da Capela de N. Sr^a da Modéstia ou de outra capela. De acordo com as fontes escritas então compiladas existiam duas capelas, ambas no piso superior, a Capela de N^a S^a dos Mártires, consagrada no dia 6 de janeiro de 1678 e a outra, consagrada no dia 2 de Fevereiro de 1700, a de N. S^a da Modéstia. Esta última poderia ainda existir em 1966, uma vez que é descrita por Túlio Espanca (Espanca, 1966).

“Assim, as estruturas arqueológicas identificadas desde 1993 e que parecem ter pertencido também a uma Capela, terão pertencido a outra que não a de N^a S^a da Modéstia. Esta, adossando-se à fachada poente do Conventinho e apresentando o piso original a uma cota, significativamente, mais baixa do que o piso térreo do Conventinho, deverá ser construção de época posterior, ainda que não distante, da

daquele. Julgamos mesmo, ser possível que a construção desta estrutura religiosa possa ter uma cronologia de inícios da centúria de seiscentos, atendendo às características de algum do material azulejar recolhido na intervenção anterior.

Ainda que sem outros elementos que o possam confirmar ou contestar, colocamos a hipótese de que a estrutura identificada em 1993 e agora desaterrada possa ter sido a Capela dedicada ao Presépio (.../...) a qual desapareceu nas obras estruturais, feitas no séc. XIX, aquando da adaptação do Edifício a Casa Pia” que ocorreu a partir de 1836” (Balesteros e Sarantopoulos, 2000: 4).



Figura 6. Imagem geral no início dos trabalhos (1) e de pormenor das estruturas identificadas (2) (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000).

De realçar ainda que esta Capela sofreu bastantes alterações, com remodelações e reaproveitamentos de materiais de construção do edifício primitivo e de outras estruturas anteriores, como a Cerca Nova da cidade, que pode ter sido parcialmente desmantelada para construção desta Capela – alguns dos silhares existentes na parede poente poderão corroborar esta hipótese (Fig. 7). No século XIX este espaço ainda poderá ter sido utilizado como forja (Balesteros e Sarantopoulos, 2000).



Figura 7. Pormenores das estruturas identificadas (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000).

O espólio recolhido nesta intervenção, cronologicamente situado entre os séculos XVII e XX, é constituído por faianças, algumas das quais com decorações de cariz religioso (inscrições, anagramas IHS, cruzes, siglas) destacando-se as faianças de produção exclusiva do Colégio da Companhia de Jesus (Fig.8 e 11); cerâmica comum (Fig.9 e 10); cabeças de imagens religiosas, em terracota; contas; botões em osso; medalhas (maioritariamente católicas, destacando-se uma de Santo Inácio de Loyola); anéis; moedas (com destaque para um meio vintém de prata do reinado de D. Manuel I) malhas de jogo; fragmentos de azulejo; ossos de animais, escórias, entre outros.

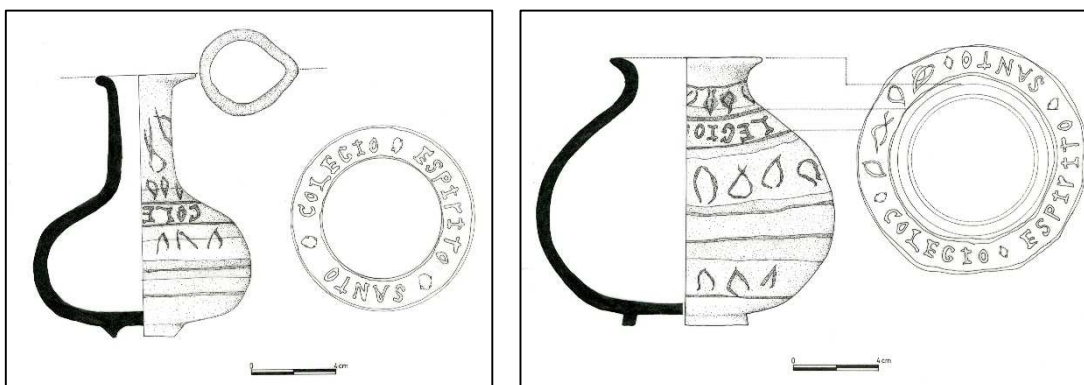


Figura 8. Faianças de produção exclusiva do Colégio Espírito Santo (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)

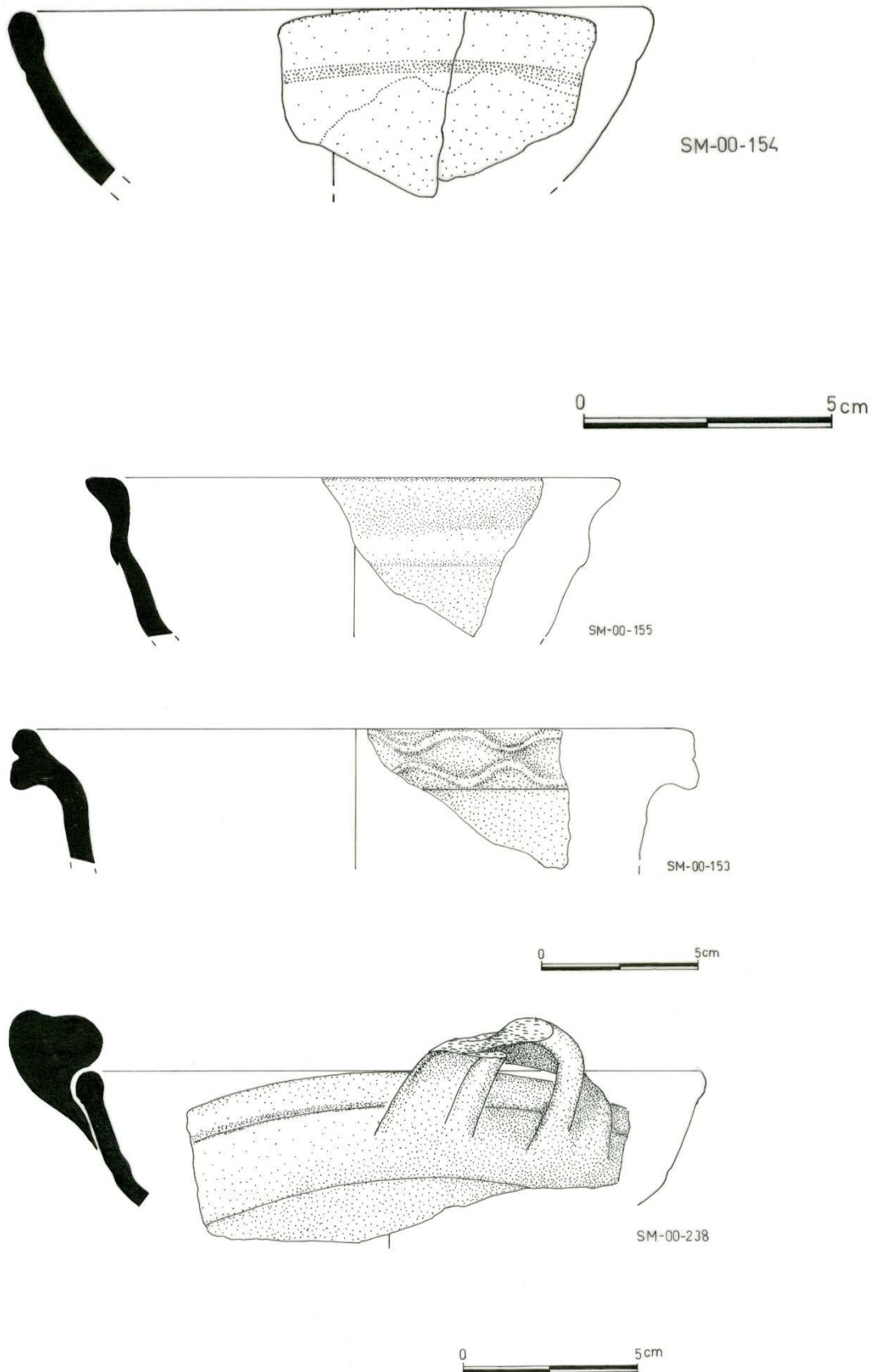


Figura 9. Cerâmica comum, de mesa e de cozinha (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)

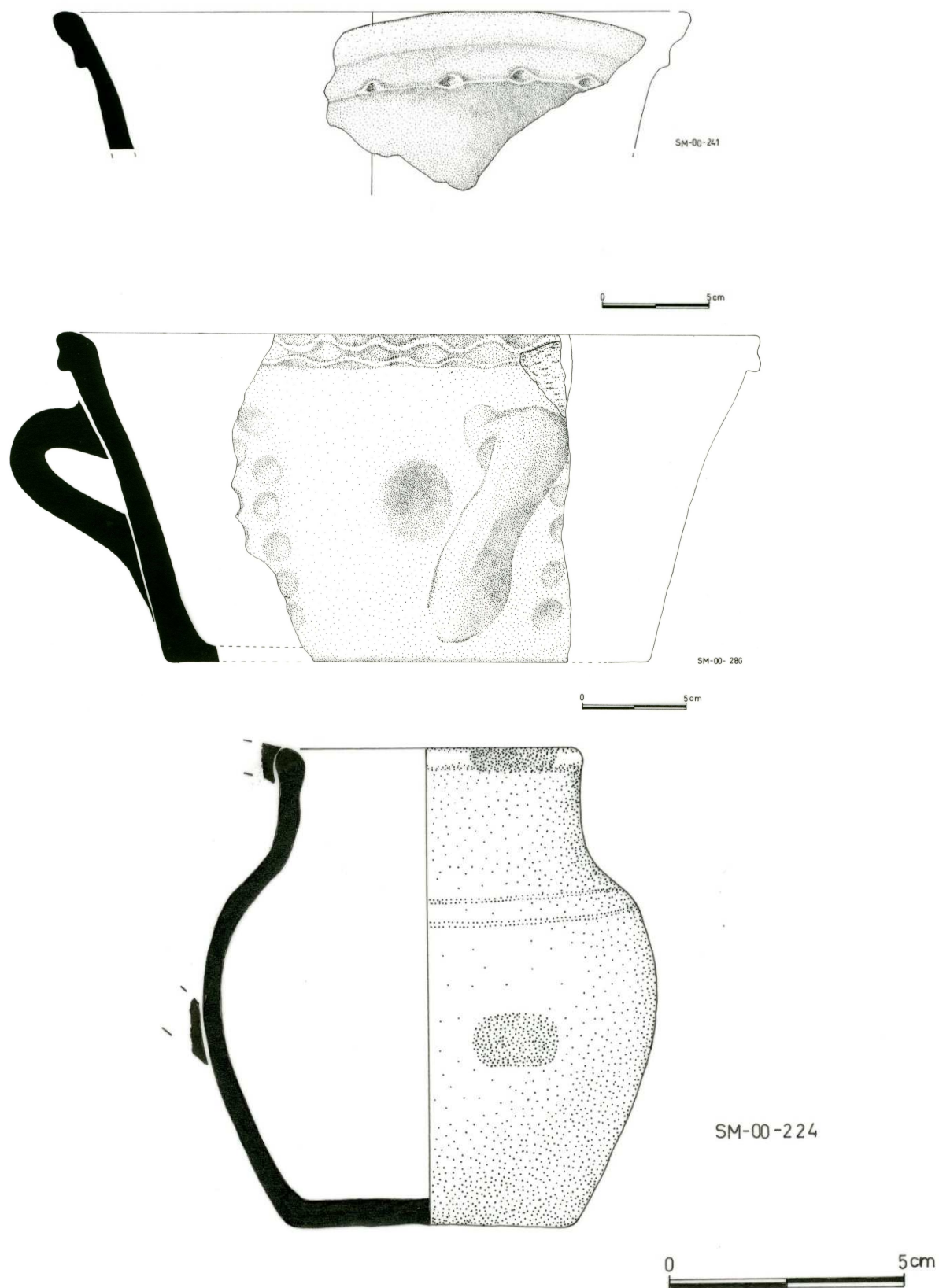


Figura 10. Cerâmica comum, de mesa e de cozinha (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)

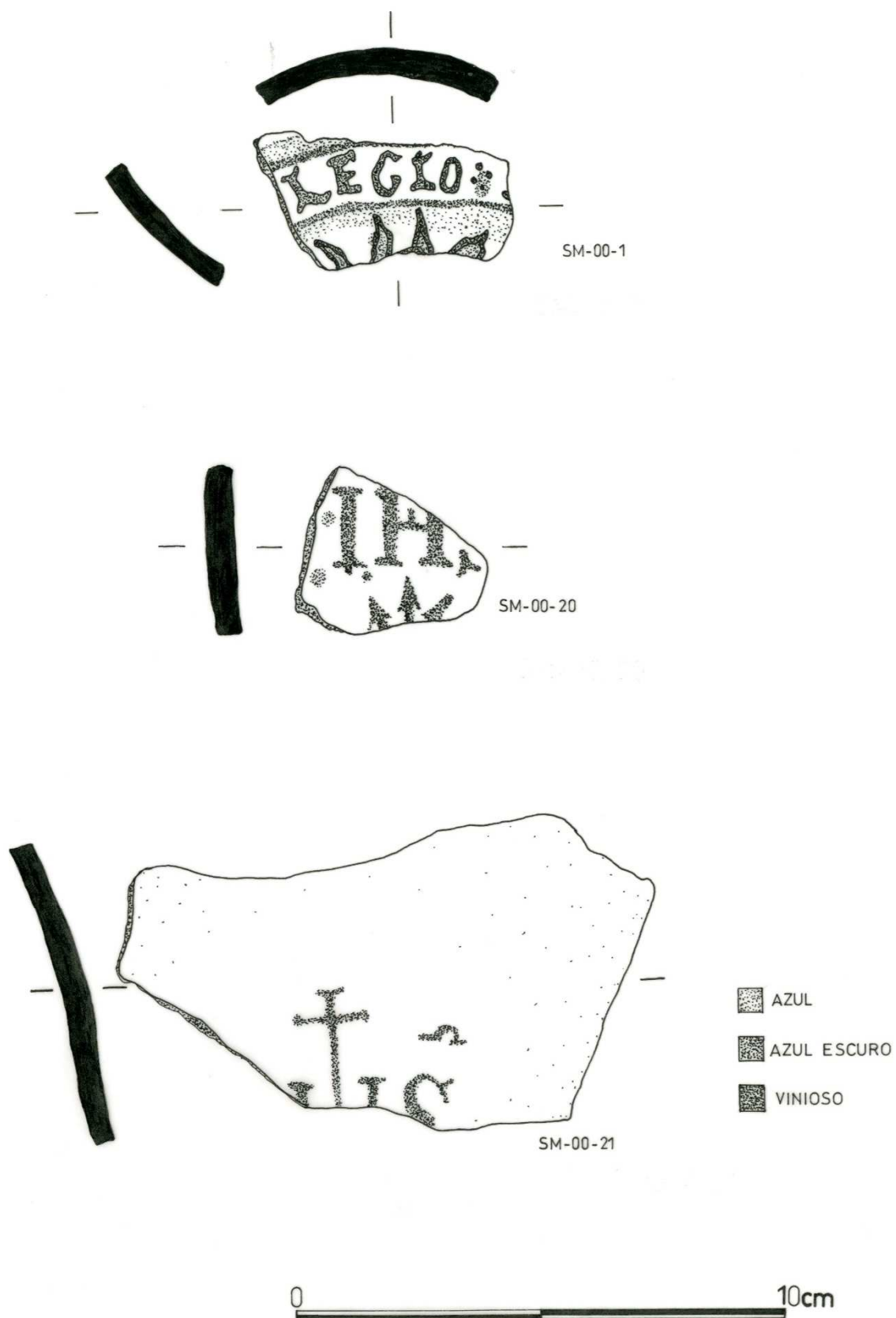
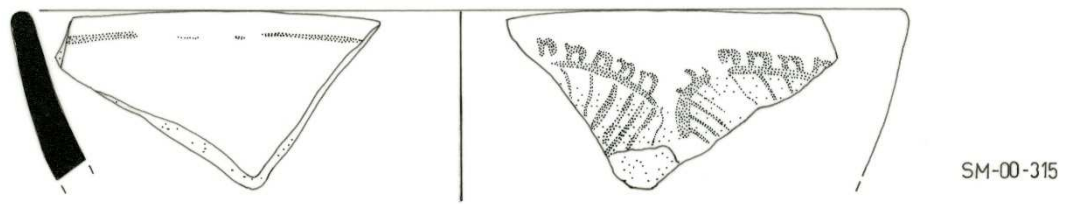
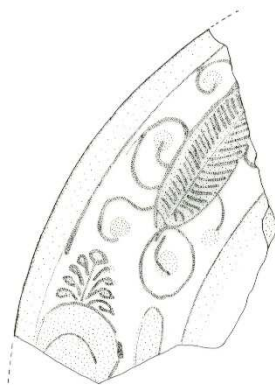


Figura 11. Faianças (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)



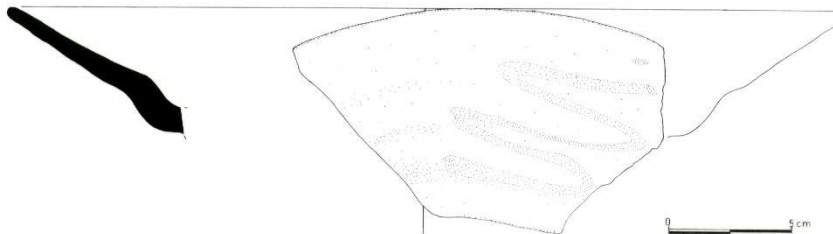
□ AZUL
▨ VINIOSO

0 5cm

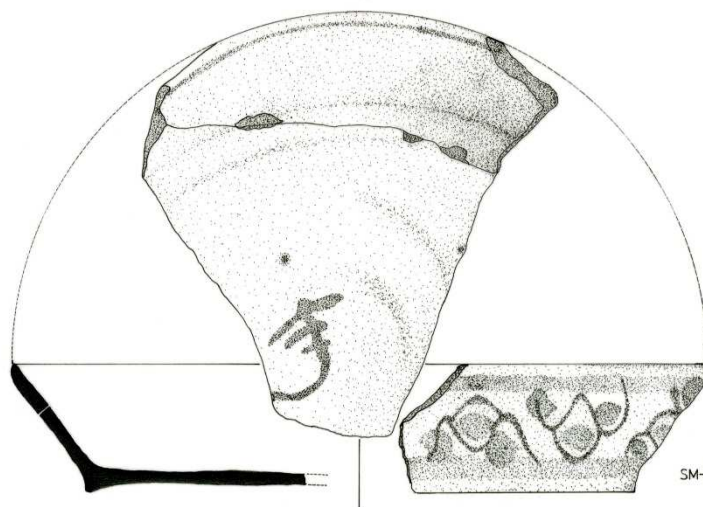


□ AZUL CLARO
□ AZUL ESCURO
▨ VINIOSO

SM-00-314



0 5cm



□ AZUL CLARO
□ AZUL ESCURO
▨ VINIOSO

SM-00-35

0 5cm

Figura 12. Faianças (sgd. Balesteros e Sarantopoulos, 2000)

2.6. Abertura de valas na Secção de Reprografia do Colégio do Espírito Santo (CNS 16151. Processo: S – 16151).

De acordo com a informação existente no Portal do Arqueólogo e sobre a qual não dispomos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, José Carlos Caetano (†) realizou, em 2001, um acompanhamento arqueológico para registar as estruturas postas a descoberto, na sequência da abertura de valas na Secção de Reprografia do Colégio do Espírito Santo (Fig.13). Aparentemente não existe nenhum relatório destes trabalhos.



Figura 13. Vista do exterior dos espaços referidos em 2.6 e 2.7. (©Leonor Rocha)

2.7. Trabalhos de emergência no Colégio do Espírito Santo (CNS 16151. Processo: S – 16151).

De acordo com a informação existente no Portal do Arqueólogo e sobre a qual não dispomos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, Carmen Balesteros e Panagiotis Sarantopoulos realizaram, em 2001, o acompanhamento arqueológico de abertura de uma vala dentro da sala de informática adjacente às escadas do restaurante (Fig.13). Apesar de não existir

informação específica no Portal do Arqueólogo, os trabalhos foram visitados por um dos signatários (JO) pelo que temos conhecimento de que se tratou de uma intervenção muito superficial, com levantamento de pavimento para instalação de cabos elétricos, não tendo atingido quaisquer níveis arqueológicos.

2.8. Jardim superior do Restaurante Cozinha do Cardeal.

Apesar de não existir informação no Portal do Arqueólogo e de não dispormos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, temos conhecimento que em 2002/2003, José Carlos Caetano procedeu ao acompanhamento arqueológico da cobertura do Restaurante da Cozinha do Cardeal (Fig. 14) devido à necessidade de recolocar tela isolante sobre a abóboda do restaurante. Este trabalho consistiu na remoção integral das terras que se encontravam depositadas na cobertura e que, naturalmente, não estavam contextualizadas, razão pela qual não poderia existir níveis arqueológicos *in situ*.



Figura 14. Aspeto atual da cobertura do Restaurante Cozinha do Cardeal. (©Leonor Rocha)

2.9. Projeto das Pedras Tumulares nas Capelas Laterais da Igreja do Espírito Santo, Évora (CNS 16151. Processo: S – 16151).

De acordo com a informação registada no Portal do Arqueólogo, em 2012, foram realizados trabalhos arqueológicos e antropológicos na Igreja do Espírito Santo, coordenados por Carla Dias e Teresa Matos Fernandes. Este espaço, que se encontra agregado ao Colégio do Espírito Santo não integra, contudo, a Universidade de Évora pelo que, apesar ter o mesmo CNS e número de processo, não será considerado no âmbito deste trabalho.

2.10. Construção de campos de Padel na Rua Cardel d`El Rei. (Processo: 2014/1(228))

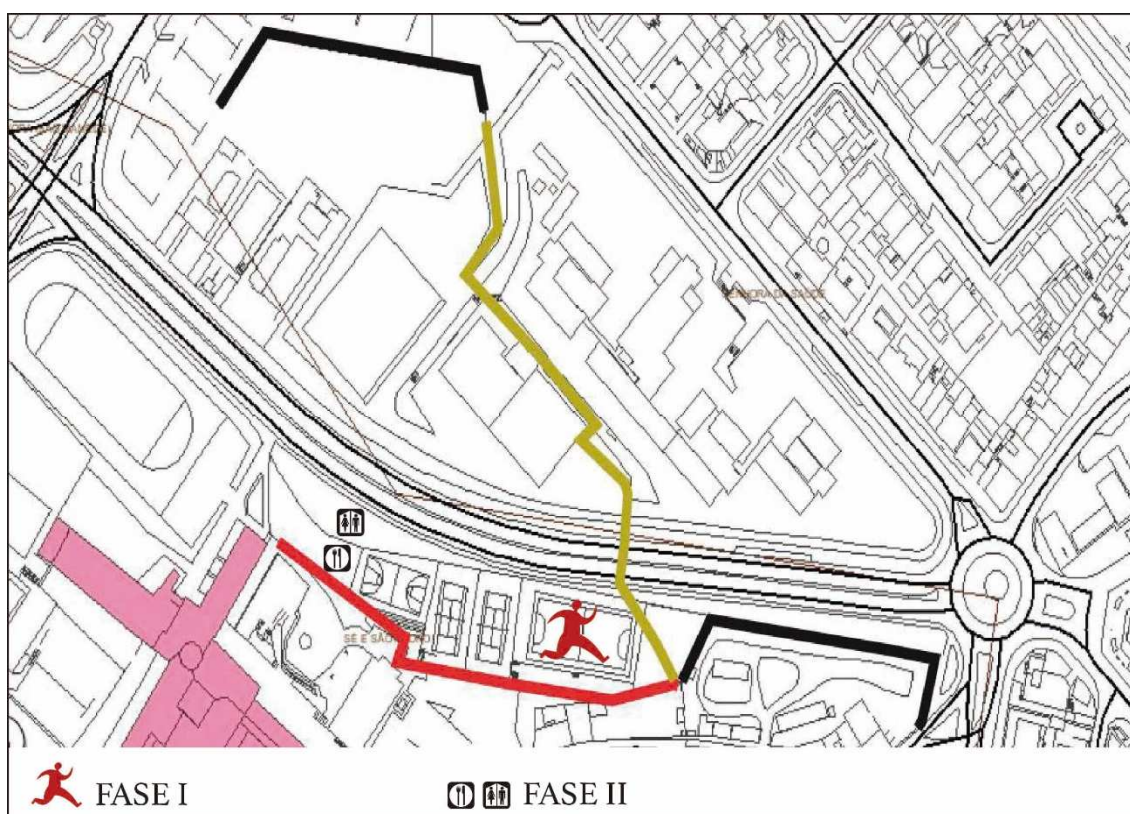


Figura 15. Planta de localização da obra (adaptada Maia, 2015)

O acompanhamento arqueológico realizado na remodelação dos campos de ténis e basket existentes nas instalações de um dos edifícios da Universidade de Évora (CES) para transformação num Centro Padel, foi realizado por um dos signatários (LR) na sua 1ª Fase que

correspondia, de acordo com a Memória Justificativa e Descritiva do Projeto de Arquitetura, às escavações a realizar em torno dos campos, para colocação dos lintéis de suporte dos campos e do betão poroso destinado à base de cada um dos campos, bastante superficiais – no máximo 0,40m de profundidade (Fig.16).

Os trabalhos realizados no contexto desta obra permitiram perceber que se trata de um local profundamente alterado por intervenções anteriores, nomeadamente a construção dos campos de jogos existentes à data, que se encontram dispostos em patamares.

Nesta fase, não se identificaram quaisquer níveis arqueológicos e/ou estruturas. As terras removidas comportavam maioritariamente os restos do pavimento (camada inicial) e os entulhos recentes, decorrentes das obras da década de oitenta, saibros e areão para enrocamento, sem qualquer interesse arqueológico (Rocha, 2015).



Figura 16. Aspeto dos trabalhos realizados nos campos, na 1ª Fase (©Leonor Rocha).

A 2ª Fase destes trabalhos, que consistia na construção das estruturas de apoio aos campos de jogos (Cafetaria, Receção, Loja e

Balneários) foi acompanhada por uma empresa de Arqueologia – ArkeoHabilis. Esta fase teve, em termos de registo na DRC Alentejo, outra designação, “Évora Sports Center” e foi realizada entre Setembro e Outubro de 2015 (Maia, 2015).

No âmbito deste trabalho, como seria expectável dada a sua dimensão (6m largura x 15m de comprimento atingindo cerca de 3m de profundidade) e localização (1,40m da muralha medieval), encontraram-se diversos vestígios arqueológicos (Fig.17), *“colocou em evidência a muralha barbacã e ainda uma necrópole. A identificação do espaço funerário revelou um conjunto de 3 sepulturas bem delimitadas num conjunto de 4 indivíduos, sendo que nenhum deles foi exumado. Todas as sepulturas se apresentam abertas no substrato geológico sem qualquer tipo de diferenciação para cada uma delas”* (Maia, 2015:14)

Em termos estratigráficos foi registada a seguinte sequência: i) no topo, logo abaixo da camada superficial, humosa, vestígios de um derrube da muralha medieval; ii) subjacente a estes derrubes, vestígios de uma antiga calçada de circulação que foi também, em parte, cortada pelas sepulturas; iii) necrópole; iv) substrato geológico (sgd. Maia, 2015)

Em relação às sepulturas, estas foram parcialmente escavadas por uma equipa de Antropologia da U.É, coordenada por Cláudia Relvado e Teresa M. Fernandes. Atendendo a que se procedeu à alteração do projeto, devido à existência da barbacã, os restos osteológicos não foram integralmente escavados tendo-se, no entanto, verificado que existiam *“esqueletos em conexão anatômica, ossos desarticulados e material osteológico não humano”* (Relvado e Fernandes, 2015: 4).



Figura 17. Aspetto dos trabalhos realizados nos campos, na 2ª Fase (sgd. Maia,2015).

Dos quatro enterramentos identificados, sepultados em decúbito dorsal, três eram indivíduos adultos e o outro um adolescente, com idade à morte estimada entre os 17 e os 20 anos. Em termos de diagnose sexual, todos pareciam ser do sexo masculino, atendendo aos atributos analisados no terreno (Relvado e Fernandes, 2015).



Figura 18. Vista geral das estruturas de apoio construídas nos Campos Padel. (©Leonor Rocha)

Atendendo às estruturas e necrópole identificada na área o projeto foi alterado, com a construção de uma estrutura mais simples e superficial (Fig. 18).

2.11. Abertura de vala no Colégio do Espírito Santo/ Universidade de Évora (CNS:.. Processo)

A obra para abertura de uma vala para colocação/substituição de infraestruturas no CES teve o acompanhamento arqueológico de dois dos signatários (JO e LR). O local onde se abriu a vala encontra-se em zona periférica do antigo colégio e foi múltiplas vezes afetado com movimentações de solos nos últimos 50 anos, porque por aí passam as principais condutas de águas, esgotos, eletricidade e gás. Situa-se entre o corpo antigo do Colégio e o denominado Jardim de Granito, anteriormente referido (Fig.19).

O piso encontrava-se revestido por calçada regular de paralelepípedos. A vala atingiu uma profundidade que variou entre os 0,80m e 1,15m, com uma largura média de 0,85m e de 1,20m, nos locais onde se implantaram as caixas de visita. Para cotagem geral dos registos foi estabelecido, como ponto de cota 100,00m, a soleira da porta que dá acesso à reprografia e escada de acesso ao 1º piso do Colégio do Espírito Santo (Oliveira e Rocha, 2016).

Não se podendo considerar que se tratavam de Unidades Arqueológicas propriamente ditas uma vez que toda a área já havia sido aberta anteriormente, no contexto de outras obras, elencamos, para memória futura, os elementos identificados, por altimetria (do topo à base):

1.Sob o pavimento de calçada regular com paralelepípedos de granito, identificou-se uma camada de saibro e areia, com uma potência média de 0,12 m que servia de regularização da calçada;

2.Imediatamente abaixo entrou-se num nível de terras com abundantes entulhos recentes onde ocorriam sacos de plásticos, fragmentos de telhas e tijolos, assim como porções de rebocos com cal

e pedras de calibres diversos. Ao longo de toda a vala foram-se identificando tubagens de águas, esgotos e cabos elétricos, assim como abundantes raízes das três árvores que se erguem ao longo deste espaço.

Até à cota que se atingiu na abertura desta vala os testemunhos materiais encontrados remontam à 2ª metade do século XX, sem qualquer interesse patrimonial. Concluída a escavação procedeu-se à instalação das tubagens e à sinalização das mesmas com fita identificadora e cobertura com manta geotêxtil (Oliveira e Rocha, 2016) (Fig.20).

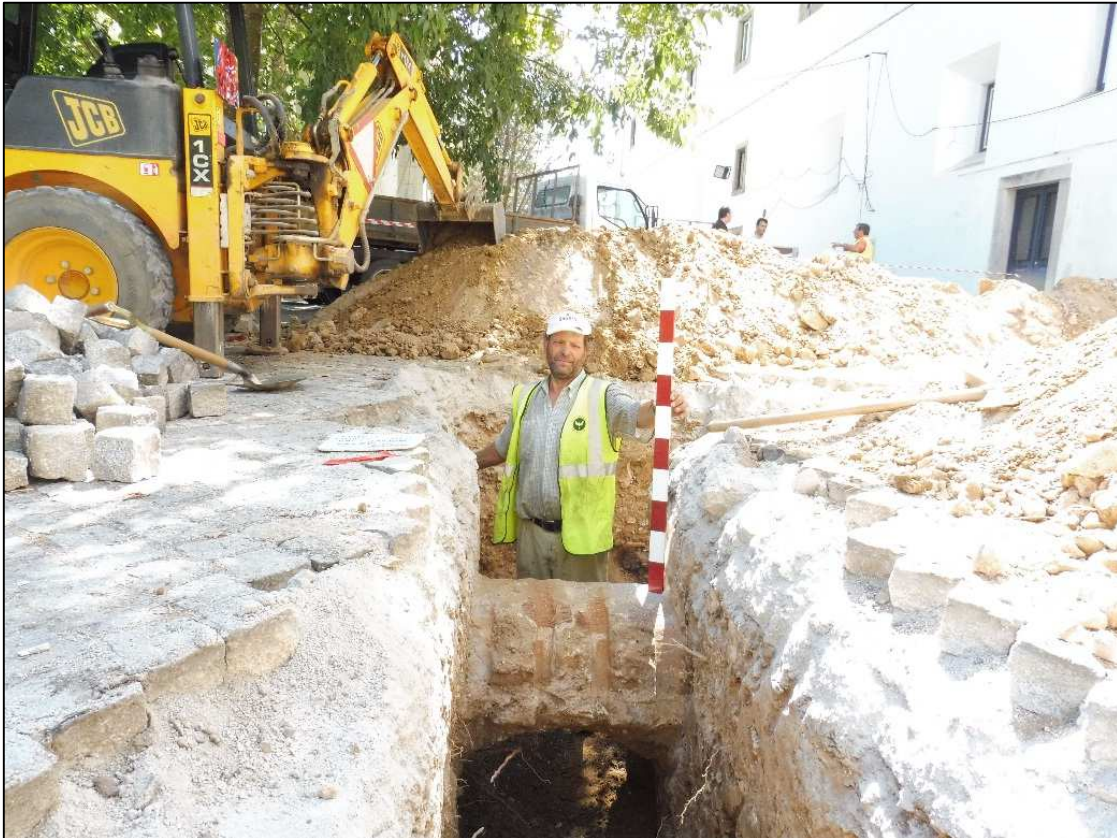


Figura 19. Pormenor de uma das tubagens de esgoto identificadas (sgd. Oliveira e Rocha, 2016).



Figura 20. Vista geral final da obra (sgd. Oliveira e Rocha, 2016).

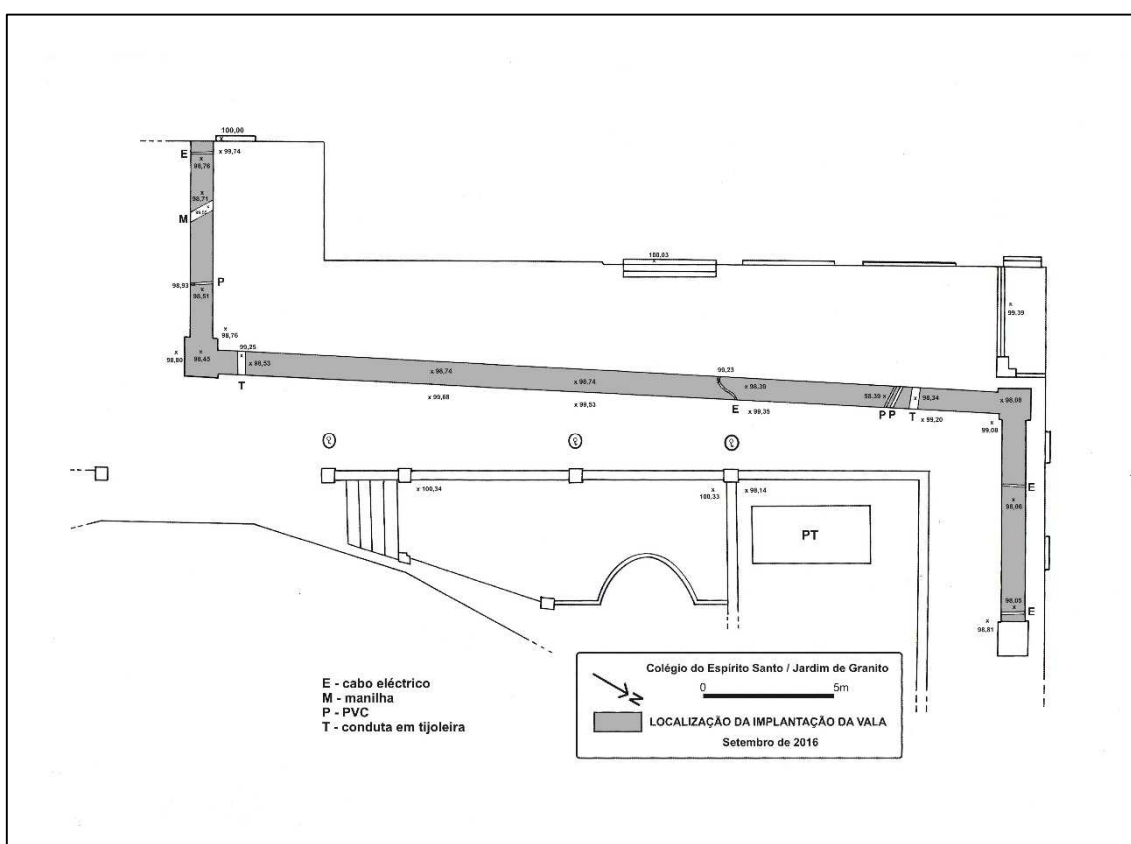


Figura 21. Planta final da obra (sgd. Oliveira e Rocha, 2016).

2.12. Instalação de Elevador exterior

A obra para a instalação de um elevador exterior no CES, em 2018, encontrava-se abrangida pelo “Programa Valorizar – Linha de apoio ao Turismo Acessível”, promovido pelo Turismo de Portugal e, neste caso, com a Universidade de Évora, por forma a dar cumprimento à legislação sobre a colocação de infraestruturas para pessoas com dificuldades de mobilidade (Decreto-Lei nº 163/2006, de 8 Agosto).

O acompanhamento arqueológico realizado por um dos signatários (LR) abrangeu a abertura do poço para colocação do elevador (Fig.21). A intervenção realizada coincidia, em grande parte, com outra realizada em Setembro de 2016 (ponto 2.11) onde se constatou que toda a área se encontrava profundamente afetada, com vários cabos e condutas recentes a intercepar a vala e sem níveis arqueológicos preservados (Oliveira e Rocha, 2016).

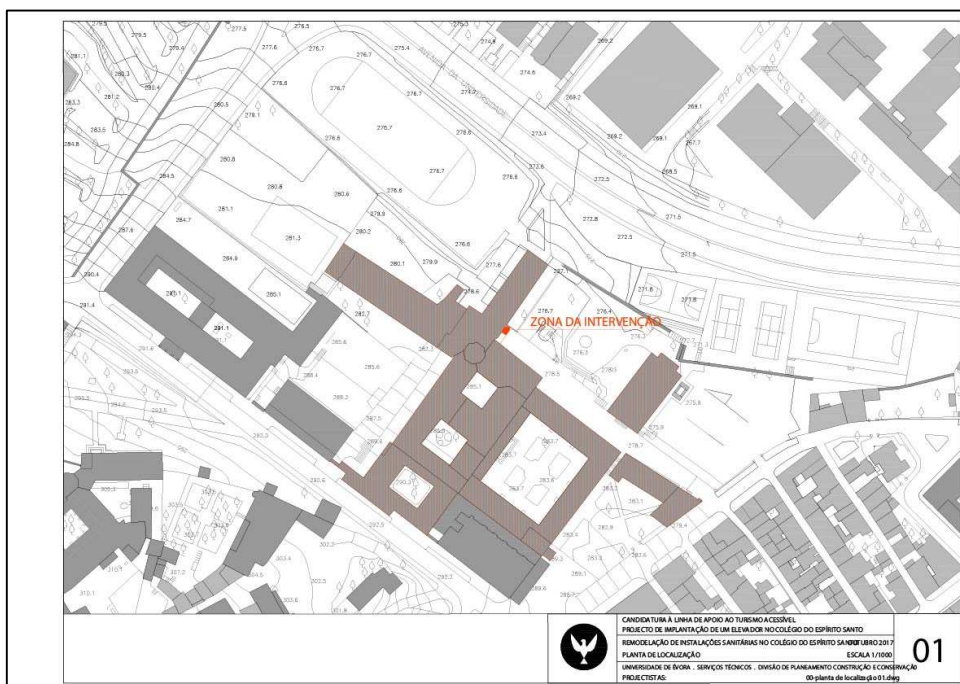


Figura 22. Localização da zona de intervenção.

No âmbito deste trabalho e atendendo ao conhecimento que se possuía da área, procedeu-se ao acompanhamento dos trabalhos realizados de forma manual (pico, picareta, maceta e martelo eléctrico – este para partir as estruturas de cimento construídas em 2016), não

se tendo identificado quaisquer níveis arqueológicos preservados (Rocha, 2019).



Figura 23. Aspeto da vala aberta em 2016 (1) e da área deste projeto (2) (sgd. Oliveira e Rocha, 2016).

Os primeiros trabalhos consistiram na remoção da calçada existente e delimitação da área necessária para o poço do elevador, que correspondia a um retângulo com cerca de 3m x 2,25m e deveria atingir uma profundidade de 1,55m.

Posteriormente, procedeu-se à escavação manual desta área, com a remoção de todos os equipamentos que haviam sido construídos nas últimas décadas.



Figura 24. Aspeto final do poço, com visualização das infraestruturas anteriores, cortadas (©Leonor Rocha).

Não se podendo considerar que se tratavam de Unidades Arqueológicas propriamente ditas uma vez que toda a área já havia sido aberta anteriormente, no contexto de outras obras, elenca-se, para memória futura os elementos identificados, por altimetria (do topo à base) (Rocha, 2019):

1. Calçada com blocos de granito;

2. Camada de tuvenam, onde assentava a calçada;

3. Caixa construída em 2016, com tijolos de cimento e tubos de plástico cinzento, circulares que iriam servir para a passagem de cabos (3 tubos de 160mm e 3 tubos de 125mm do lado NE. Do lado Este, são 2 tubos de 160mm e 1 tubo de 125mm). Caixa de cimento a que estariam associados os tubos de plástico mas que não a intersetavam tem a base interior a 1m de profundidade. Na realidade esta estrutura nunca chegou a ser utilizada porque a caixa de cimento estava completamente fechada e cheia de areia.

4. Caleira construída com tijolo burro e argamassa que, nalguns locais, tem cimento e que atravessa a área, paralela à parede principal do edifício. Encontrava-se entulhada com diferentes tipos de materiais, desde pedras, a pedaços de tijoleiras recentes, mosaicos antigos (modernos), tijolo burro de diferentes espessuras, etc, para permitir a colocação da calçada. Apresenta-se revestida, pelo interior, com argamassa de areia e cal. Tem conservada 3 fiadas de tijolo burro, com 0,25cm de altura, pelo lado exterior. Encosta ao pilar central do edifício pelo que será posterior a este. Medidas: 3m comprimento (mas continua no sentido NE, paralela à parede), 0,66m de largura interior, 0,20m de espessura (corresponde à largura do tijolo burro utilizado) e 0,25m de altura conservada (lado exterior, que corresponde à altura de 3 tijolos burro).

5. Tubo metálico de para-raios com cabo de cobre no interior;

6. Tubo plástico (1) que sai da parede principal e continua paralelo a esta, com direção NE, por cima da caleira. Deverá ter cabos elétricos no seu interior;

7. Tubo plástico (2) que sai da parede principal e continua paralelo a esta, com direção N. Deverá ter cabos elétricos no seu interior;

8. O canto Este apresentava terra virgem, extremamente compacta;

9. Por baixo da caleira, entre a caixa de 2016 e a parede do edifício encontrava-se i) uma camada de areão seguida de um ii) nível de seixos (possível calçada) que se encontrava muito deteriorada. A parede mestra desta ala assenta sobre a muralha – que se encontra cerca de 0,05/0,10m para o interior, sendo o espaço entre as duas estruturas sido preenchido com cimento.

10. De seguida e até à base da cota de afetação, encontravam-se terras muito negras, pastosas, húmidas e muito compactas (foram parcialmente removidas com martelo elétrico) as quais encostavam à parede estrutural do edifício (muralha).

11. No canto NE encontraram-se ainda 4 fragmentos de tijolo burro que assentavam em terra. Toda a área envolvente se encontra completamente revolvida, aparecendo fragmentos de telha de meia cana, lixos (plásticos e papel), fragmentos de tijolo burro e paralelos de granito.

Em termos gerais, o espólio recolhido no decurso deste acompanhamento corresponde sobretudo a lixos e entulhos de cronologias recentes de telha de meia cana, lixos (plásticos e papel), fragmentos de tijolo burro, paralelos de granito, tijoleira, tampas, metal (parafusos, caricas, latas), entre outros.

Em relação às estruturas, o dado mais relevante desta intervenção foi, sem dúvida, a confirmação da existência da muralha, sobre a qual assenta a parede sul desta ala que foi construída no séc.

XVIII para albergar, no piso inferior, um grande refeitório e, nos superiores, mais celas (Lobo, 2012).



Figura 25. Espólio identificado nesta intervenção (©Leonor Rocha).

3. Casa Cordovil

O edifício conhecido como Casa Cordovil localiza-se no Centro Histórico de Évora (ver Fig.1), no topo sul do largo das Portas da Moura, em área exterior ao perímetro das muralhas alto-medievais.



Figura 26. Pátio interior na Casa Cordovil (@Marco A. Martins)

3.1. Trabalhos Arqueológicos na Casa Cordovil. (CNS 4226. Processos: S - 04226 e S - 12564)

De acordo com a informação existente no Portal do Arqueólogo e sobre a qual não dispomos de qualquer informação nos arquivos do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, realizaram-se em 1989 trabalhos arqueológicos de escavação, coordenados por T. Matos Fernandes e V. Hipólito Correia.

Durante as obras de renovação no interior de um edifício surgiram duas sepulturas escavadas na rocha e dois silos. Estas descobertas levam a considerar que se trata de uma zona de necrópole em funcionamento durante o século XII e inícios do século XIII (informação: Portal do Arqueólogo).

4. Palácio do Vimioso

O acompanhamento arqueológico realizado no Palácio do Vimioso, localizado no Centro Histórico de Évora (ver Fig. 1) decorreu de forma faseada entre 2011 e 2013 e foi realizado por três dos signatários (JO, LR e AC), abrangendo toda a Ala Poente do edifício (Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014).



Figura 27. Aspeto das obras realizadas no interior (1) e exterior do edifício (2) (sgd. Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014).

O Palácio dos Condes de Vimioso, também conhecido apenas por Palácio do Vimioso, remonta ao séc. XV, tendo sofrido, ao longo dos tempos, diversas reformas e acrescentos. Em meados da década de oitenta do século XX, este espaço foi objeto de profundas remodelações, obrigando ao rebaixamento de todo o piso térreo para enterramento das infraestruturas de saneamento e eletricidade, não tendo estas tido qualquer acompanhamento arqueológico.

A Ala Poente é a mais recente de todo o edifício, provavelmente construída nos finais do século XVIII, ou inícios do século XIX. Aqui se localizavam as estrebarias e “casa da malta” do palácio. Em 2013 este espaço teve uma intervenção profunda (Fig.27), com o objetivo de melhorar as instalações, nomeadamente de sala de aulas/laboratório de Arqueologia, gabinetes de docentes e de criar um pequeno Centro Interpretativo (Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014).



Figura 28. Elementos identificados no decurso deste trabalho (sgd Oliveira, Rocha e Carneiro, 2014).

As únicas peças recolhidas resumem-se a dois fragmentos de azulejos “hispano-árabes” com técnica de “corda-seca” e desenho geométrico (Fig. 28). Na parede interna da denominada cavaliariça, ao proceder-se à remoção do reboco, apareceu um grande cachorro de granito, aparentemente reutilizado para suporte, na face exterior, duma pequena varanda do piso superior. Embora a peça pareça remontar à fase inicial do palácio terá sido instalada no local que agora ocupa já no século XIX, data da grande reforma do palácio já na

propriedade da "Família Soares". Esta peça manteve-se no local e ficou visível na parede sul do Centro Interpretativo.

As obras de reabilitação desenvolvidas não ultrapassaram a cota de afetação atingida na década de oitenta, de cerca de 0,30m, pelo que o trabalho de acompanhamento arqueológico resumiu-se à verificação das terras de novo mobilizadas para renovação das canalizações de esgotos e água e instalação elétrica (ver Fig.27). Os trabalhos arqueológicos acompanharam igualmente a remoção dos rebocos e descarga das abóbodas. No exterior, entenda-se no pátio do palácio, procedeu-se ao acompanhamento duma vala para ligação de esgotos que também não ultrapassou a cota dos revolvimentos da década de oitenta do século XX, data em que foi montada a calçada que hoje reveste todo o pátio.



Figura 29. Pormenor de uma das paredes.

A remoção do reboco das paredes permitiu identificar alguns arcos, tapados, construídos com tijolo burro, que não foram afetados nesta intervenção (Fig.28). Em termos gerais, as paredes são construídas com este tipo de aparelho, com misturas de pedras e, nalguns casos, com tijolo recente.

5. Outras intervenções

Para além dos trabalhos anteriormente referidos existiram intervenções em, pelo menos, outros dois locais da Universidade: i) na zona do atual Parque de Estacionamento (Fig.13) onde existe uma grande cisterna, eventualmente ligada à existente no Poço Cisterna do atual Jardim do Granito, que foi objeto de levantamento por uma equipa de arqueologia subaquática, no início do séc. XXI. A entrada para este espaço encontra-se sob as escadas que ligam o parque de estacionamento ao CES, junto ao Auditório. Estes trabalhos permitiram definir toda a sua planta (mas não possuímos qualquer registo do mesmo); ii) trabalhos realizados no Colégio Luís Verney, que consistiram em abertura de valas, sem dados arqueológicos relevantes e tiveram o acompanhamento de Carmen Balesteros.

6. Conclusões

Os projetos de construção e/ou reabilitação urbana colidem, quase sempre, com o nosso passado, uma vez que o subsolo das cidades é um repositório de memórias, de vivências de um passado mais ou menos recuado, que importa salvaguardar e, dentro do possível, preservar.

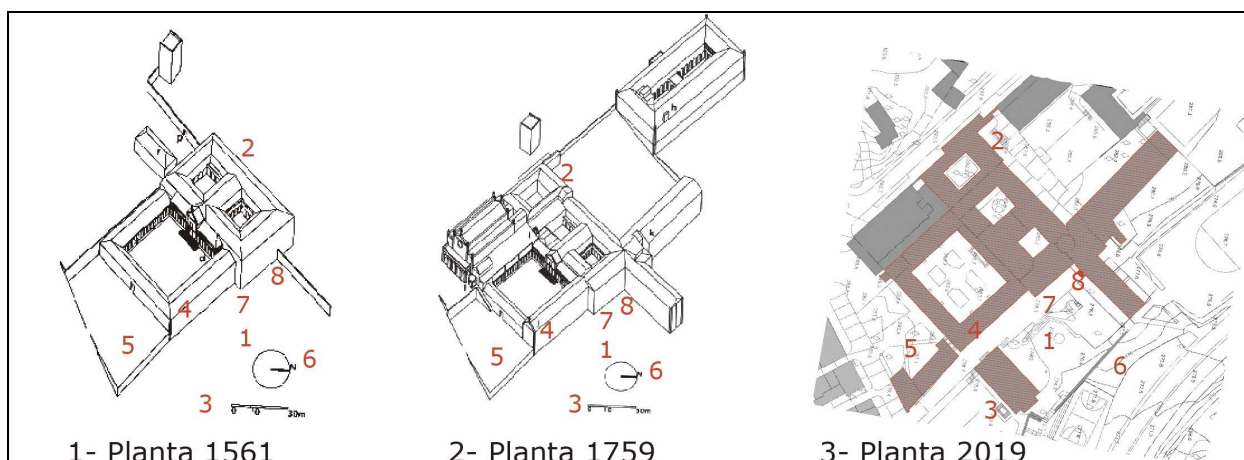


Figura 30. Planta com a evolução do edifício do Colégio do Espírito Santo, com identificação das intervenções; nº 1 e 2 adaptado de Lobo, 2012; nº 3 dos Serviços Técnicos da UÉ.

Os trabalhos arqueológicos efetuados nos finais do século XX e primeiras décadas do século XXI, por força da legislação em vigor, contribuíram para um melhor conhecimento da dinâmica construtiva dos espaços da cidade.

O Poço Cisterna (Fig.30, nº 1) estaria situado na área exterior do Colégio do Espírito Santo, entre este e a muralha medieval, provavelmente na zona de horto, tal como o local onde se procedeu à instalação do sistema de ar condicionado (Fig. 30, nº 3). Este poço assim como as inúmeras cisternas conhecidas no CES atestam, sem dúvida, a preocupação pelo abastecimento de água a todo o edifício.

As duas obras realizadas dentro do edifício do CES (ponto 2.6 e 2.7) para colocação de infraestruturas (Fig. 30, nº 4) não terão, segundo as informações que conseguimos obter, identificado quaisquer níveis arqueológicos, talvez por terem sido muito superficiais ou por se tratar de uma ala do edifício construída logo na fase inicial, provavelmente sobre terrenos agrícolas. Também a vala aberta no exterior desta ala (ponto 2.11) não forneceu dados significativos. Foram identificadas condutas de esgoto provavelmente construídas em

meados do séc. XIX (Fig.30, nº 7) e outras infraestruturas (água, eletricidade, telefone, etc) que atestam que esta área foi múltiplas vezes afetada com movimentações de solos nos últimos 50 anos.

Adjacente a esta ala do edifício, do lado sul, foi realizado outro acompanhamento arqueológico (ponto 2.8) que, naturalmente, não poderia ter qualquer evidência arqueológica. De facto, como se pode observar na Fig. 30 (nº 5) toda a zona de restauração foi construída em área que correspondia à entrada principal do CES, com profundas alterações a nível da topografia, uma vez que o terreno foi rebaixado em cerca de 4m, encontrando-se a cobertura do edifício à cota do jardim superior. Após o término da obra, a cobertura foi revestida com tela impermeabilizante e terras para se poder criar um espaço verde (Fig. 14). Foram estas terras que tiveram de ser removidas em 2002/2003, para resolver problemas de infiltrações existentes no teto do restaurante.

Em termos gerais, das intervenções realizadas no Colégio do Espírito Santo, apenas três acabaram por trazer dados de evidente valor arqueológico.

A primeira corresponde à área da entrada poente do CES (Fig. 30, nº 2) que teve três intervenções, todas elas motivadas por problemas de abatimento do piso devido aos esgotos. No entanto, apenas as duas últimas permitiram obter dados sobre a ocupação desta área, como se referiu anteriormente (ponto 2.2, 2.3 e 2.5). Destas intervenções resultou a identificação de uma estrutura religiosa que, não obstante as reutilizações posteriores, se encontra ainda em bom estado de conservação. Independentemente das dúvidas sobre a sua designação (Capela da Sr^a da Modéstia ou do Presépio), os materiais encontrados permitiram, por exemplo, perceber que o Colégio dispunha de faianças e medalhas exclusivas, identificadas com a sua designação. De realçar ainda que apesar da importância que este espaço religioso teve, ele não aparece representado em nenhuma das plantas conhecidas (ver figura 30, nº2).

A segunda intervenção que forneceu dados importantes para o conhecimento da ocupação humana na cidade de Évora, foi a realizada na área dos atuais campos de jogos da Universidade (ponto 2.10). Apesar de também ser evidente que se trata de uma área que sofreu profundas alterações para construção dos primitivos campos de jogos e ginásio do liceu (atual edifício do Auditório), com diferentes modelações do terreno, a área onde se equacionava construir os edifícios de apoio, junto à muralha medieval, permitiu identificar uma calçada exterior que corria paralela a esta, um troço da barbacã e ainda uma necrópole de cronologia indeterminada, mas que é inequivocamente posterior à calçada uma vez que a intersecta (Fig. 30, nº 6).

No limite SE deste espaço de jogos, encostado ao baluarte, temos informação que na década de sessenta do séc. XX, foram postas a descoberto um conjunto de colunas de mármore, aparentemente idênticas às existentes no claustro grande. Tanto quanto sabemos nunca terão sido removidas, encontrando-se atualmente cobertas.

Por último, os trabalhos realizados em finais de 2018, para construção de um elevador externo ao edifício do CES, apesar da sua localização coincidir, em parte, com outra intervenção (ponto 2.11), acabou por confirmar um dado importante. De facto, era referido em textos antigos que uma das paredes desta ala poente do edifício tinha sido construída sobre um troço da muralha medieval, situação que se encontra representada nas plantas de 1561 e de 1759 (Lobo, 2012) (Fig. 30). Esta intervenção permitiu não só confirmar esta informação como perceber que a parede que assenta sobre a muralha é a virada a sul.

Os trabalhos arqueológicos referidos neste texto englobaram três dos edifícios da Universidade de Évora, existentes intra muros. A Casa Cordovil permitiu identificar um espaço de necrópole em uso, nos séc. XII e XIII e dois silos, e o Palácio do Vimioso, não forneceu dados relevantes. Mas, o grande espaço de referência desta instituição, o

Colégio do Espírito Santo, contou-nos uma história diferente, de construções, reconstruções, remodelações, de usos e reusos em função das diferentes vivências que já teve, desde a sua fundação, em 1550.

Bibliografia

AAVV (1959) – *Número comemorativo do Quadricentenário de Fundação da Universidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo.

BALESTEROS, C; SARANTOPOULOS, P. (2000) – *Relatório da Escavação Universidade de Évora – Conventinho Capela de N^a Sr^a da Modéstia (?)*. Ano 2000. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.

BORGES, A.M. (1988) – *Colégio do Espírito Santo*. Alguns elementos sobre a sua fundação. Évora: Universidade de Évora.

CAEIRO, J.O. (1993) – *Intervenção arqueológica de emergência no Colégio do Espírito Santo*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.

CONDE, A; SOARES, J; RODRIGUES, P. (2012) – *Os colégios da Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho*. Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l]: Chiado Editora, p. 447- 472.

ESPANCA, T. (1966) – *Inventário Artístico de Portugal*. Concelho de Évora. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

GROMICHO, A. B. (1944) – *Da Universidade de Évora*. Évora: [s.n].

LEAL, A.P. (s.d) – *Diccionario Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Editora Mattos Moreira & Companhia.

LOBO, R. (2009) – *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*. Évora: CHAIA/Universidade de Évora.

LOBO, R. (2012) – *“Fica este grande pateo tam aparatoso à vista”*. *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*. *Os colégios da*

- Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho*. Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l.]: Chiado Editora, p. 473 - 488.
- MAIA, M^a C. (2015) – *Acompanhamento arqueológico "Évora Sports Center"*. Relatório final de trabalhos arqueológicos. Acessível nos Arquivos do DGPC. Lisboa, Portugal, pp.42.
- MENDEIROS, J. F. (Mons) (s.d.) – *Roteiro Histórico dos Jesuítas em Évora* [s.l.: s.n.]
- MONIZ, G. C (2012) - *Do Colégio ao Liceu: a construção do Programa Liceal. Os colégios da Universidade de Évora: Recriação, Evocação e Capricho*. Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa. Coord. Sara M. Pereira e Francisco L. Vaz. [s.l.]: Chiado Editora, p. 567 - 588.
- OLIVEIRA, J; ROCHA, L. (2017) - *Acompanhamento arqueológico da abertura de vala no Colégio do Espírito Santo – Universidade de Évora*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- OLIVEIRA, J; ROCHA, L; CARNEIRO. A. (2014) – *Palácio dos Conde de Vimioso - Évora. Trabalhos de Acompanhamento das obras na Ala Poente*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- RELVADO, C; FERNANDES, C. (2015) – *Relatório Antropológico do Parque Desportivo do Colégio do Espírito Santo, Évora*. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal, pp. 26
- ROCHA, L. (2015) – *Relatório do Acompanhamento Arqueológico dos Campos de Padel, na Rua Cardel d`El Rei (Évora)*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2019) – *Relatório do Acompanhamento Arqueológico da Instalação de elevador no Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora (Évora)*. Relatório Final. Acessível nos Arquivos da DGPC, Lisboa, Portugal.
- SANTA MARIA, A. (Frei) (1711) – *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa: [s.l.]

